

ENTREVISTA COM ROXANE ROJO, PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA APLICADA DA UNICAMP

Entrevistada por:

Luiza Vicentini (Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa)

Juliene Kely Zanardi (Mestranda em Língua Portuguesa)

Mestre e doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Roxane Rojo é, atualmente, professora associada livre-docente do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atuando na área de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, é autora de vários livros conceituados como *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social* (2009), *Multiletramentos na Escola* (2012), *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs* (2013) e *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos* (2015). Um dos temas centrais de sua pesquisa é a questão dos multiletramentos, sobre a qual a autora discorre ao longo desta entrevista, gentilmente concedida para nossa revista.

PALIMPSESTO

O termo “multiletramentos” é uma palavra-chave do seu trabalho. O que são os multiletramentos? Em que medida eles ampliam o conceito de letramento?

ROXANE ROJO

De fato, já faz em torno de 10 anos que eu trabalho centrada nessa questão. O conceito é de origem do grupo de Nova Londres (formado por pesquisadores anglófonos – americanos, ingleses, australianos), que estava preocupado com a questão da diversidade cultural das populações dos grandes centros urbanos na Europa,

principalmente, mas também nos Estados Unidos, assim como com a diversidade de semioses ou de modalidades de linguagem nos textos em circulação.

Em 1996, já praticamente no final de seu trabalho, o grupo fez um encontro na cidade de Nova Londres (Connecticut, EUA) e lançou um manifesto, cunhando o termo “multiletramentos”. A ideia é justamente essa: a partir de meados dos anos 90, no mundo inteiro, os letramentos sofrem uma modificação acentuada, em que já não bastam mais os letramentos da letra do Estado-Nação, ou seja, dos textos unidirecionais de um para muitos sem possibilidade de resposta, com valores muito fortes de autoria, porque já não são mais assim os textos a partir do surgimento do digital. Os textos passam a ser multissemióticos e hibridizam culturas muito diferenciadas.

A partir disso, o grupo faz uma nova análise dos objetos e dos contextos e assim conclui que já não basta mais o letramento da letra: é preciso também saber ler e traduzir imagens e sons, articular imagens em movimento etc., porque assim são os textos contemporâneos. Além disso, os textos hibridizam várias culturas. Então, o conceito de multiletramentos é uma referência a dois “multi”, que o grupo chama – na minha opinião, não muito adequadamente – de multiculturalidade e de multimodalidade dos textos.

PALIMPSESTO

Em seu livro mais recente, a senhora prefere usar o termo “Hipermodernidade” em vez de “Pós-Modernidade”. Quais são as vantagens e consequências dessa escolha de nomenclatura?

ROXANE ROJO

Eu acho que são questões relativas à interpretação e à apreciação de valor que se dá aos tempos atuais. Há várias designações: Alta Modernidade, Pós-Modernidade, Modernidade Tardia... Então, creio que cada autor escolhe seu adjetivo de acordo com a forma como vê o atual momento histórico.

Na Idade Média – tradicionalmente subdividida em Baixa, Média e Alta Idade Média –, o que foi sendo superado pouco a pouco foi justamente o regime feudal, com a emergência da burguesia, a mudança das pessoas para as cidades e para os centros

urbanos, o nascimento das corporações de ofício... Enfim, com a saída das relações do campo para as relações da cidade. De maneira análoga, creio que o que define a Idade Moderna é justamente o aparecimento do capitalismo, que se inicia ao final da Alta Idade Média. Nesse sentido, poderíamos chamar a Modernidade de “Pós-Medialidade” porque o capitalismo realmente supera as relações feudais.

Eu não acho que seja isso o que acontece no momento. Creio que o capitalismo não acabou. Muito pelo contrário, ele está mais forte do que nunca e globalizado. Então, na minha opinião, não é apropriado chamar nada de “Pós-Modernidade”. Isso só seria possível se surgisse um outro regime, uma outra organização social. Claro que a Modernidade mudou bastante, cabendo-lhe talvez a designação Baixa, Média e Alta Modernidade. Estamos numa fase diferente do capitalismo, muito mais forte, na minha opinião. Uma fase global, que isola as pessoas, que finda com as relações, que praticamente termina com o Estado e com as relações regidas por ele no trabalho, por exemplo. Portanto, eu não acho correto falar em “Pós-Modernidade”, por essas razões. Eu prefiro usar o termo “Alta Modernidade” ou “Modernidade Tardia”, por acreditar que estamos em um momento similar ao da Alta Idade Média.

O termo “hiper” é usado no sentido de que o momento atual exagera e eleva ao extremo, com muita eficiência, os funcionamentos mais cruéis do capitalismo. Eu diria que é um capitalismo hiperavanzado e não um “ex-capitalismo” ou um “pós-capitalismo”. Antes fosse, mas não é.

Então, eu acho que essa questão da nomenclatura está relacionada à visão histórica de cada autor, da ideologia que cada um tem a respeito do nosso tempo contemporâneo. Muitos autores são extremamente otimistas, ao crer que as relações de expropriação do trabalho do capitalismo estariam superadas, já que é possível trabalhar em casa. Particularmente, não vejo isso como vantagem. Eu ainda prefiro as leis de segurança do trabalho, mas, enfim, pode ser que eu seja velha demais para os tempos modernos.

PALIMPSESTO

A senhora usa o termo “lautor” como uma forma de nomear o fim da cisão leitor/autor no contexto das TDICs. O que caracteriza um lautor? Como as mudanças tecnológicas decorridas em nossa sociedade contribuíram para seu surgimento?

ROXANE ROJO

Isso é mais ou menos uma brincadeira com o Chartier, que questiona o destino do autor – aquele por quem demonstrávamos respeito e reverência, que citávamos entre aspas – nesse mundo tecnológico, digital, que se apropria de tudo. Eu acho que isso se relaciona com o conceito de “novos letramentos” ou “multiletramentos”, porque, segundo outros autores, o que muda basicamente nesses circuitos que fazemos na internet, sobretudo em redes de mídia e redes sociais, é a ética, o *ethos* ou o que eles chamam de uma “mentalidade dois”, no sentido de que não obedecemos mais às éticas e à mentalidade do letramento da letra, marcadas pela reverência ao autor, que tem que ser citado com respeito e cuja citação deve ser sinalizada, senão é plágio. Ao contrário, o que se faz na internet é remixar. E mesmo fora da internet tem sido assim.

Como apontam esses autores – Colin Lankshear e Michelle Knobel –, a questão não é nem tanto o uso da tecnologia porque os DJs já faziam remixagens com a vitrola e não com o computador, no começo. Aliás, mesmo no letramento da letra, muitos autores já faziam esse tipo de trabalho, essa atividade meio paródica de outros autores. A diferença é que hoje impera – sobretudo em redes sociais, redes de mídia e comunidades de fãs, como bem mostra Jenkins – essa apropriação, hibridação e remixagem das ideias dos outros, o que nos dá a possibilidade não só de sermos leitores-receptores sem retorno, mas também autores. Por isso, eu falo em “lautor” porque eu acho que, na internet, cortamos e colamos o tempo todo, tanto para escrever quanto para produzir áudio, vídeo etc. A grande capacidade da internet é a montagem, uma montagem criativa. Penso que, em nenhum momento, diante do digital, da internet conectada, é possível ser simplesmente leitor: reagimos, publicamos comentários, remixamos, reutilizamos... Mesmo um texto que tenha apenas um comentário já é um texto do outro modificado. Essa é a diferença, por isso lidamos com novos ou

multiletramentos, porque o funcionamento e as éticas que regem as maneiras de receber e produzir textos mudaram muito entre a Modernidade e a Alta Modernidade.

Eu acho que essa nova configuração cria condições de empoderamento, embora, na minha opinião, muitas pessoas não usem essa possibilidade muito bem. Há muita xingação nas redes sociais, por exemplo. Mas cria-se a possibilidade de todos sermos produtores. Há autores como Bruns que usam o termo *produser*, no mesmo sentido de lator. Eu preferi não usar a tradução “produsuário” por conta da cacofonia, mas a ideia é a mesma, ou seja, de que somos sempre produtores ou podemos ser. Na era do livro, não era assim: eu só podia ser autor se uma editora resolvesse me publicar depois de eu muito ajoelhar no milho. Na televisão, então, só teria como produzir se eu tivesse um canal como as igrejas pentecostais fizeram. Na era digital, não.

PALIMPSESTO

Então, o conceito lator compreenderia a ideia de democratização dos meios de publicação?

ROXANE ROJO

Sem dúvida. De publicação e de circulação da informação. Santaella faz muito bem essa discussão em um livro de 2003 sobre *cybercultura* e cultura das mídias. Ela distingue seis fases da cultura de acordo com os meios de circulação: a cultura do oral, a cultura do escrito, a cultura do impresso, a cultura de massa, a cultura das mídias e, por fim, a *cybercultura*. O que Santaella nos mostra é que a passagem da cultura do impresso e da cultura de massa – que têm o mesmo funcionamento: de um para muitos, controlado, sem possibilidade de resposta e que foi e continua sendo muito bem usado para coerção ideológica, vide os debates sobre a *Veja* – para a cultura das mídias não ocorreu de uma hora para outra. Esse processo se iniciou nos anos 60, quando a indústria cultural começou a oferecer aos usuários *gadgets* ou mídias (como fita K7, VHS, aluguel de filmes etc.) que lhes possibilitaram fazer escolhas e produzir suas próprias coleções. Assim, o usuário não é mais obrigado a ver as opções de filme que o cinema ou a TV Globo lhe oferecem. Ele pode ir à locadora e alugar o filme que quiser ou pode gravar no videocassete o que for de seu interesse. Então, Santaella nos mostra que esse

processo foi paulatinamente feito ainda na era pré-digital, havendo uma explosão disso com o digital.

Sem dúvida houve uma democratização. Todo mundo que tem acesso ao digital pode fazer, certo? E isso acarreta também uma mudança de mercado. Na minha opinião, Jenkins caracteriza isso muito bem com o conceito de “cultura da convergência”. Não é que as grandes empresas de circulação da informação perderam espaço. Elas ocupam muito bem os espaços por meio das franquias, pondo produtos para circular em todos os âmbitos: digital, televisivo etc. Mas, de qualquer forma, isso tornou os meios de divulgação mais democráticos, com uma possibilidade maior de diálogo, o que eu não diria que automaticamente empodera o usuário comum. Por essa razão, acho importante que os multiletramentos sejam trabalhados na escola porque não visualizo essa possibilidade nas redes sociais. O que eu vejo nelas é muita xingação, muita perda de tempo, muita discordância sem base, pouca criatividade no que se põe em circulação. Então, creio que seja preciso abordar a questão dos multiletramentos na escola, mostrando que a ferramenta é democrática, mas deve-se saber usá-la.

PALIMPSESTO

Que vantagens e desafios as novas tecnologias trazem para o ensino de língua materna e de língua estrangeira?

ROXANE ROJO

Eu acho que há ganhos tanto para língua materna quanto para língua estrangeira, principalmente para a última. A professora Elizabeth Almeida, da área de educação da PUC-SP, fala na composição de um “web currículo”, que seria um currículo que não deixa de contemplar evidentemente os letramentos da letra e os seus formatos, mas inclui, em contraste com estes, os novos letramentos e multiletramentos, trabalhando com as competências e capacidades que decorrem de seu funcionamento. Um exemplo disso seria a questão da curadoria de informação. É necessário mostrar ao aluno que não se pode confiar em tudo que se encontra no *Facebook*: deve-se checar quando o texto foi publicado, em que país foi publicado, a que se refere; verificar a veracidade da informação; conferir se não é uma publicação de um veículo de humor,

como é o caso do *Sensacionalista* etc. Enfim, é necessário selecionar a informação a que se vai aderir. Não se pode comentar e aceitar tudo. Ou seja, é indispensável desenvolver a capacidade de leitura crítica, algo que já era necessário – e a escola não costuma fazer –, mas que se torna mais imperioso no contexto das novas tecnologias.

Além disso, deve-se atentar às capacidades de produção: saber remixar, saber hibridizar, saber significar, saber qual é o critério estético interessante em uma remixagem ou por que uma remixagem é boa. Ou seja, trabalhar sim com as ferramentas e técnicas, mas, muito mais do que isso, com a mentalidade, com a qualidade, com o valor estético, com o crítico dentro do digital.

Então, seria um currículo que teria espaço para essas duas tecnologias (impressa e digital). Claro que isso envolve uma escola, sobretudo, conectada. Não necessariamente tão bem equipada, mas conectada. Basta o computador do professor. Certamente não é tão caro equipar com 30 megas as escolas ou dar um *tablet* para todos os alunos, mas nós não temos política nenhuma, em nenhum nível (municipal, estadual ou federal) para isso. Um currículo assim teria também que ser acompanhado, evidentemente, por materiais adequados para o professor porque, muitas vezes, ele também é um usuário apenas das redes sociais e não sabe usar as ferramentas de produção. Em geral, os alunos sabem e ele não. Então, seria necessário desenvolver um material interessante para o professor, pois estamos em um momento de transição. Faz-se necessária também uma organização do tempo e do espaço escolar diferente, o que não é algo simples de fazer. Daí a importância de insistir nisso.

No caso de língua materna, portanto, eu acho que são basicamente os diferentes letramentos para leitura e produção que estão em questão. No caso de língua estrangeira, vejo ganhos adicionais. Antigamente, para o desenvolvimento da compreensão auditiva, o ensino de língua estrangeira utilizava a cultura das mídias – o CD ou a fita K7 que acompanhavam o material didático. Mas o parâmetro era a língua padrão. A diversidade linguística ficava completamente de fora. Hoje, navegando pela internet, pode-se mostrar ao aluno o inglês de Liverpool e o de Londres, a fala do Texas e a da Califórnia, bem como a própria língua padrão, com materiais muito mais ricos e mais interessantes. Então, eu diria que o acesso ao que se tem chamado de *translingue*

atualmente é muito interessante para línguas estrangeiras, pela possibilidade de interação com os nativos.

PALIMPSESTO

Em 2013, a senhora organizou um livro cujo título “Escol@ Conect@d@: os multiletramentos e as TICs” sugere o surgimento de uma escola que leve em conta os avanços tecnológicos e a pluralidade cultural de nossa sociedade. Na sua opinião, o que ainda falta na educação brasileira para que esse ideal de uma escola conectada se torne, de fato, algo concreto?

ROXANE ROJO

A pergunta é complexa, então vamos por partes. Primeiramente, eu gostaria de falar da questão da adesão do professor. Eu tenho falado para muita gente, plateias grandes. Tenho vendido muitos livros e é impressionante ver como os professores compram, apesar de alguns serem caros. Então, eu acho que, no caso brasileiro, diferentemente do anglófono, nós temos uma adesão muito boa do professor a essa ideia. Aquele grupo que eu mencionei no início da entrevista, o de Nova Londres, teve uma reação muito negativa do professorado e dos movimentos educacionais, tanto nos EUA como na Austrália. De um lado, houve a rejeição da ideia de multiculturalismo, pela recusa de dar espaço à cultura dos imigrantes que estão na sala de aula, em um movimento de defesa da ideia de Estado-Nação. É o que ocorre atualmente na Europa Unificada e que temos acompanhado pela televisão: a questão da entrada dos imigrantes pela Grécia e a guerra que tem sido para não deixá-los entrar ou controlar essa entrada. Por outro, houve também uma resistência à ideia de multiletramentos com a reação denominada *back to basics*, que defendia o retorno ao currículo dos anos 60 do século passado: as quatro operações, matemática básica, leitura e escrita mínima. Felizmente, não encontro um professor em todas as grandes plateias que me diga algo assim. Muito pelo contrário. Os professores dizem que vão ter dificuldades, mas que gostariam muito de uma escola conectada. Então, eu acho que nós temos um grande trunfo para que isso um dia possa vir a acontecer, que é uma adesão muito grande dos docentes, apesar de todas as misérias e dificuldades, a começar pelo salário.

No entanto, essa transformação envolveria, na minha opinião, uma mudança drástica do tempo-espaço escolar, a começar pela questão da disciplinaridade. Acho que tal transformação seria melhor realizada se fosse por meio de pedagogia de projetos interdisciplinares. Nada impede que seja feito de maneira disciplinar, mas empobrece, pois, na internet, os temas são interdisciplinares. Por exemplo, quando se faz uma busca por um termo como “bioma”, computador nenhum pergunta ao usuário se ele quer uma resposta relacionada apenas ao campo da linguagem ou da biologia. O grande problema reside em mudar essa estrutura do século XII que a escola ainda mantém. Isso é uma reorganização de grande monta.

Em relação ao tempo, não é viável ter uma aula de 50 minutos, se a proposta é navegar pela internet. Não se faz nada em 50 minutos na internet. Então, é necessária uma outra organização do tempo escolar, que não a aula de 50 minutos da disciplina. Outra questão importante, que eu acho que se resolve com uma política pública decente que discuta isso, é o investimento em materiais de qualidade no país. Conectar as escolas, pelo menos, com boa banda e para todo o espaço escolar, que já é um investimento caro, seria um bom começo. Na minha opinião, não é preciso equipar as escolas com *gadgets* de última geração tipo *tablet*. Basta ter data show. É o que vemos nas escolas que têm esse recurso. Os professores levam seu próprio computador. Eles mesmos baixam os filmes porque não tem conexão na escola. Obviamente, o professor que tem tempo para fazer isso, o que é raro, pelo menos, em Português.

Em relação a essa questão, o que eu percebo é que não há um absoluto descaso dos sistemas de ensino estaduais e federais (municipais, eu conheço pouco). O próprio MEC tem proposto cursos de formação interessantes para professores e pensado em distribuir *tablets*, apesar de não ter uma proposta efetiva de como utilizá-los. Ou seja, não há desinteresse, há desconcerto, falta de pensar a política. As medidas são feitas por ocasião. Em São Paulo, por exemplo, os professores estão devolvendo os *tablets* que receberam porque não querem ficar com a guarda cedida de um equipamento que eles não usam e que podem ter que pagar caso algo lhes aconteça. São aparelhos ruins, fabricados por uma empresa que não é principalmente fabricante de *tablet*, e, pior do que isso, não foram disponibilizados *apps* e materiais didáticos que embasem seu uso.

Outra mostra desse desconcerto são os cursos. Por exemplo, participei, em 2013, da confecção de um curso de especialização muito bom à distância, chamado “Educação na Cultura Digital”, proposto pelo MEC e organizado por Santa Catarina (UFSC) para a formação de professores para um *web* currículo, ou seja, para um currículo de literatura, de língua, de física, etc. usando o digital e o texto impresso. É um excelente curso, mas não se sabe se ele realmente vai funcionar em 2015, porque isso vai depender da adesão das Universidades Federais e das escolas. Então, veja, o MEC pede o curso, paga o curso, mas não sabemos se isso vai chegar onde devia: a formação de professores. Quer dizer, tem investimento, mas são todos desconcertados.

Um outro exemplo que podemos dar é do projeto da Escola de Ensino Integral, da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Nesse caso, é possível criar uma escola diferente porque há uma demanda, por exemplo, por materiais didáticos para os professores que contemplem a pedagogia de projetos interdisciplinares para os multiletramentos ou então por *gameficações* de assuntos interdisciplinares. Mas isso se restringe a esses espaços em que a escola não funciona como ela é, funciona um pouco diferente.

Então, eu acho que, basicamente, é necessária uma reorganização, de maneira muito ampla, do tempo e do espaço escolar, entendendo tempo não só como a quantidade de horas de aula, mas também como a disciplinaridade, a divisão de tempo entre as disciplinas. Seria muito mais proveitoso se não dividíssemos o tempo em disciplinas, como fazem as escolas sem paredes, como a Escola da Ponte ou a Amorim Lima, aqui em São Paulo, por exemplo. Também é importante uma reorganização do

espaço escolar, começando pela conexão do espaço até a possibilidade dos alunos trabalharem colaborativamente e não individualmente. Isso muda muito o papel do professor. Ele não é mais o professor-expositor de conteúdos de sua disciplina em 50 minutos. Ele é um mediador da ação coletiva, colaborativa dos alunos. Nesse ponto é que eu acho que temos um grande trunfo porque os professores não discordam que isso seria o melhor. Ao contrário, de acordo com a minha experiência, eles aderem bastante a essa ideia. Então, eu fico otimista, apesar de todas as mazelas, principalmente atuais, do nosso país. Eu fico otimista porque quem faz está a fim de mudar.

Como citar este artigo:

VICENTINI, Luiza; ZANARDI, Juliene Kely. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.329-339. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/entrevista/Palimpsesto21entrevista01.pdf>>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507